

Representações do corpo feminino e da violência contra a mulher nos contos “A Dama da Noite”, de Olga Savary e “Portas fechadas”, de Monique Malcher

Representations of the female body and violence against women in the short stories “The Lady of the Night”, by Olga Savary and “Portas closed” by Monique Malcher

Luciana de Barros ATAIDE*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Sara Layana Silva MACIEL**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

RESUMO: O presente artigo pretende fazer um estudo acerca da representação do corpo feminino e da representação da violência contra a mulher nos contos “A dama da noite”, de Olga Savary e “Portas fechadas”, de Monique Malcher. O intuito é promover uma discussão sob a perspectiva de gênero na literatura de autoria feminina contemporânea. Para tanto, partimos dos seguintes questionamentos: de que formas as personagens femininas são representadas nessas duas narrativas e que lugares sociais elas ocupam? Quais os aspectos de aproximação e de distanciamento na representação da violência contra a mulher nos dois contos? Para fundamentar a discussão, dialogaremos com pesquisadores que nos auxiliam na abordagem do recorte proposto, essencialmente, Simone de Beauvoir (1980a; 1980b); Michelle Perrot (2003); Heleieth Saffioti (2015); Elódia Xavier (2021); Michel Foucault (1977).

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Representação. Violência. Mulher. Literatura.

ABSTRACT: This article aims to carry out a study on the representation of the female body and the representation of violence against women in the short stories “A Dama da Noite”, by Olga Savary and “Portas fechadas”, by Monique Malcher. The objective is to promote a discussion from a gender perspective in contemporary female-authored literature. To do so, we start with the following questions: in what ways are female characters represented in these two narratives and what social places do they occupy? What are the aspects of proximity and distance in the representation of violence Against women in the two stories? To support the discussion, we will dialogue with researchers who help us in approaching the proposed, essentially, Simone de Beauvoir (1980a; 1980b); Michelle Perrot (2003); Heleieth Saffioti (2015); Elódia Xavier (2021); Michel Foucault (1977).

KEYWORDS: Body. Representation. Violence. Women., Literature.

* Professora Doutora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, na Faculdade de Letras e Educação – Campus de São Félix do Xingu/Pará

** Mestranda em Letras na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, no Programa de Pós-Graduação em Letras – Campus de Marabá/Pará

Estudos iniciais

O campo de estudo de criações literárias abre margens para análises de categorias como corpo, violência, representação e gênero. A fim de entendermos as relações e os significados dessas categorias, elegemos a análise interpretativa e comparativa de dois contos da literatura contemporânea escritos por mulheres, com intuito de mapear como as protagonistas são construídas na perspectiva da representação dos corpos e dos atos de violência vivenciados.

Muitos estudos fundamentados em teorias da crítica feminista contemplam questões envolvendo representações do corpo e da violência contra a mulher. Tais aspectos se devem ao fato de que apesar de toda a mobilização da sociedade civil, dos movimentos feministas e da criação de leis que visam à proteção da mulher, ainda é muito presente em todo o mundo a violência, seja no ambiente doméstico, seja no ambiente de trabalho. Ressalta-se ainda que muitos desses atos de violência estão ligados a todo um imaginário construído acerca do corpo feminino e acerca da inferioridade biológica da mulher em relação ao homem.

Diante disso, optamos por analisar dois contos de duas escritoras brasileiras contemporâneas que abordam temáticas ligadas à representação do corpo da mulher e representação da violência contra a mulher, visando à problematização de como a literatura de autoria feminina tem contribuído para a subversão de alguns discursos que ainda hoje colaboram para atitudes e pensamentos de que a mulher é o Outro¹, como diria Simone de Beauvoir (1980). Os contos são “A dama da noite”, de Olga Savary, publicado no livro *O olhar dourado do abismo – contos de paixão e espanto* (2001) e “Portas fechadas”, de Monique Malcher, publicado no livro *Flor de gume* (2020).

Olga Savary nasceu em Belém no ano de 1933, filha única de pai com ascendência francesa, alemã e sueca e de mãe paraense com origens indígena e portuguesa. (Toledo, 2009). Savary foi poeta (como ela gostava de ser chamada), contista, crítica, ensaísta, curadora, desenhista, ilustradora, tradutora e jornalista. A formação educacional da escritora foi dividida entre Belém e Rio de Janeiro e foi na cidade carioca que alavancou

¹ Na obra *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir faz uma reflexão acerca da gênese da submissão da mulher, segundo a perspectiva da biologia que permitiram a mulher ser reconhecida como o Outro enquanto o homem é o Absoluto.

a carreira de escritora. De seu legado literário, Olga deixou várias obras publicadas (dentre poemas e contos) além de traduções, críticas e colaborações em jornais e revistas no Brasil e no exterior. (Toledo, 2009). A escritora faleceu no ano de 2020, vítima de uma parada cardíaca em decorrência de complicações da Covid-19. Cabe ainda mencionarmos que a escritora foi a primeira poeta brasileira a editar um livro inteiro apenas com a temática erótica.

Monique Malcher é uma escritora nascida em Santarém, interior paraense que viveu boa parte de sua vida na capital, Belém. A poeta é muito conhecida por publicações independentes de zines², e o seu livro de estreia, *Flor de Gume*, de 37 narrativas, publicado pela primeira vez em 2020, foi agraciado com o prêmio Jabuti na categoria contos no ano de 2021. A partir dessa premiação, tanto a obra quanto a escritora vêm ganhando o reconhecimento do público leitor.

A importância de se estudar duas narrativas de escritoras, que apesar de terem nascido na Amazônia paraense, produziram seus textos em épocas diferentes (aproximadamente duas décadas), está em observar como cada uma, a seu modo, traz uma visão acerca da construção do feminino na literatura. Olga Savary, como mencionado, deixou um legado literário e hoje é possível encontrar alguns estudos acerca de suas produções, mesmo que tenha pouco reconhecimento nas academias. Malcher, jovem escritora com uma obra que foi muito bem recebida, necessita de maior reconhecimento e para isso é preciso que estudos sejam feitos a fim de que se possa ampliar a compreensão sobre questões que permeiam sua obra.

Diante disso, este estudo se propõe, por meio do viés da representação, observar como são trabalhados os elementos corpo e violência nas duas narrativas, a partir da construção de personagens femininas. A ideia é proporcionar uma reflexão sobre a importância da literatura de autoria feminina como veículo de denúncia acerca das opressões vividas pelas mulheres; opressões essas que reiteram os estereótipos de submissão, principalmente quando se trata de mulheres em condições sociais precárias.

São, portanto, duas narrativas que representam o espaço de voz na luta pela desnaturalização da violência contra a mulher. Cecil Zinani (2013) diz que quando uma mulher se apropria do discurso enquanto autora, ela age no sentido de desconstruir um

² Os *fanzines* ou *zines* são marcados por uma característica essencial que é uma publicação independente e multissemiótica, podendo ter abordagens temáticas diversas.

universo patriarcal que insiste em silenciá-las. Sendo os dois *corpus* desse estudo, narrativas contemporâneas, elas se mostram como uma ruptura do padrão tradicional de produção literária no qual, a maioria das produções literárias são de autoria masculina que trazem mulheres representadas a partir do olhar do homem.

Essa ruptura dialoga com o pensamento de Regina Dalcastagné em *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* (2012) quando a pesquisadora problematiza a questão de lugar de fala. Nesse texto, ela faz um apanhado em relação ao dizer sobre si e sobre o mundo; isso implica questões ligadas à legitimação e ao silenciamento de produções literárias de autoria feminina. Quando uma mulher, por meio da literatura, fala da condição feminina em um mundo construído por homens e para os homens, ela rompe com silenciamentos impostos às mulheres tanto na literatura quanto na representação do que é ser mulher na sociedade.

Ao falar sobre representação, Dalcastagné irá dizer que o “problema da representatividade não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por sua particularidade, mas sim pela perspectiva de mundo que está associada à voz do sujeito” (Dalcastagné, 2012, p. 18) e nesse caso, à voz feminina que fala de e sobre si.

Portanto, falar sobre figuras marginalizadas na literatura e sobre lugar de fala é abranger os múltiplos grupos sociais que compõem a sociedade e para isso é preciso questionar um silenciamento imposto durante séculos. E sobre silenciamento, Dalcastagné diz: “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (Dalcastagné, 2012, p. 17). Esse trabalho de quebra de padrões foi feito tanto por Olga quanto por Monique, duas escritoras da região amazônica, silenciadas por questões geográficas, silenciadas por serem mulheres, silenciadas por trazerem para a literatura, a representação de sujeitos historicamente marginalizados como a mulher prostituta e a mulher amazônica que vive a penúria econômica e social.

1 O corpo feminino: alguns apontamentos representativos

Falar sobre a escrita feminina é falar sobre produções literárias invisibilizadas e isso colabora tanto para que temas tabus sejam tratados em estudos, quanto para que sejam rompidos aspectos de silenciamento, violência e submissão. Michelle Perrot, ao escrever o texto “Os silêncios do corpo da mulher” (2003), fala que “Há muito que as mulheres são esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal de reprodução” (Perrot, 2003, p. 13). Sobre o corpo feminino, diz ainda que “objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade” (Idem).

Nessas falas de Perrot reconhecemos nitidamente um imaginário criado acerca do que é ser mulher e também sobre o corpo da mulher, sem que ela participe dessa construção: um corpo que é reprodução, que é objeto, que é pauta pública, mas sobre o qual a ela não pode falar. Michel Foucault (1977) fala sobre a sexualidade enquanto espaço conjugal com a função de reprodução em uma sociedade que, por meio de seus códigos, cerceavam a ideia de sexo, tratando-o como reprimido, assunto proibido, principalmente pelo peso religioso que tratava o sexo associado à noção de pecado. Essa repressão pesava, especialmente, sobre a mulher, que é o ser historicamente reprimido, silenciado, vigiado, julgado.

Em seus estudos no livro *História da sexualidade – vontade de saber* (1977), Foucault fala que o sexo era tratado como uma prática inadmissível fora do matrimônio, vigiado pelas instituições hierárquicas das sociedades burguesas: estado, religião, família, instituições essas que, com seus poderes, reprimiam o desejo e o limitavam através de uma linguagem discursiva que era jurídica. Em um ciclo de interdição sobre a sexualidade, Foucault relaciona:

Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirá, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que a supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de ser suprimido; não apareça se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida á custa de tua anulação (Foucault, 1977, p. 81)

Em todo esse ciclo interdito, continua a mulher, podada da liberdade para com seu corpo, reprimida pelo poder patriarcal, refletindo a construção histórica do que era ser mulher, afinal, estas eram leis criadas pelos homens, já que à mulher não cabia a

participação na vida em sociedade e as que ousavam transgredir as regras de funcionamento social eram silenciadas, enclausuradas, tidas como loucas, interdidas. Foucault fala ainda que a repressão à sexualidade vem desde a Idade Média e foi essa atitude que despertou, na humanidade, a vontade de saber, de conhecer sobre sexo, mas as estratégias de controles dos indivíduos, recaíram apenas sobre as mulheres que, mesmo com o passar dos anos, continuaram sendo moldadas e definidas a partir de regras patriarcais. Ao falar sobre os mecanismos de ‘Histerização do corpo da mulher’, Foucault relaciona:

Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação) (Foucault, 1977, p. 99).

Com essas palavras, Foucault irá falar sobre o corpo feminino regulado pelo poder de práticas médicas, controlado, moldado dentro de um padrão de docilidade, limitado e refém de valores comportamentais impostos. Sabemos que na obra citada, Foucault fala sobre o controle da sexualidade humana, mas bem sabemos que todo esse controle prevaleceu para a existência da mulher.

Esse controle foi bem posto por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo – mito e realidade* (1980b) ao buscar, em seus estudos, compreender a origem da opressão patriarcal sobre as mulheres. Para a pensadora francesa, o corpo não é uma coisa, ele é o nosso domínio sobre o mundo. Isso significa que a forma como um corpo se relaciona com o mundo e com as pessoas, vem das formas de apreensões desse corpo. Quando pensamos o corpo feminino, enquanto um corpo situado no mundo, pensamos esse corpo a partir da experiência do ser que está nesse corpo. No entanto, quando pensamos o corpo feminino é preciso que pensemos também a construção da mulher enquanto um ser interpretado desde a infância como submisso e inferior ao homem.

Beauvoir (1980b) analisa essa relação de inferioridade considerando as duas categorias: masculino e feminino. Para a filósofa, durante a infância, a compreensão do mundo por meio do corpo se dá de forma semelhante para meninos e meninas, que é a fase de descoberta de prazeres, da relação com a mãe, da exploração do próprio corpo,

comportamentos, etc. A partir da adolescência essa compreensão começa a mudar porque a menina começa a ser criada para ser mulher dentro de um padrão determinado, socialmente, sobre o que é ser mulher. Já o menino começa a ser criado dentro de um padrão determinado socialmente sobre o que é ser homem. Enquanto a menina é compelida a se construir enquanto um objeto que precisa de cuidado, proteção, carinho, de limites; o menino é compelido a ser o forte, o que protege, o que faz uso e é o senhor do objeto limitado.

Beauvoir (1980b) ao apresentar a distinção entre homens e mulheres, vai dizer que os meninos são ensinados a agir para si: são autônomos, ativos, aprendem a atacar, a se defender, a competir; a menina é ensinada a agir para o outro: agradar, servir, cuidar. Ao contrário da menina, ao menino é ensinado a se afirmar enquanto sujeito e não deixar fazer-se objeto. Esse pensamento é confirmado pela pensadora francesa ao mencionar que por meio da força física, o homem é ensinado a ter confiança em si; a ausência da força física para a mulher, que é marca da sua feminilidade, impulsiona-a a perder a confiança em si mesma.

Essa perda da confiança em si mesma, de que Beauvoir fala, tem como consequência, para a mulher, a não decisão sobre suas escolhas, sobre si, sobre seu corpo o qual passa a ser visto como objeto de uso. No conto de Olga Savary, “A dama da noite”, notamos que a protagonista age contra a vontade, contra os desejos manifestados no corpo. O uso que é feito do corpo dessa ‘Dama’ é decidido por homens; as ações desse corpo são direcionadas para a satisfação das vontades do homem, representando o domínio, o silêncio que pesa sobre ele, conforme explicitado por Michelle Perrot (2003).

Em relação à maternidade, podemos observar que se trata de um ato que não justifica a existência feminina. No conto de Monique Malcher, “Portas fechadas”, podemos observar uma personagem que mesmo grávida continua situada como o Outro. Mesmo grávida, não tem o domínio sobre o próprio corpo; um corpo que é silenciado e agredido por se negar a realizar desejos que não são os seus. Ao fazermos um apanhado das duas narrativas, vamos observar o quanto a existência da mulher é resumida à existência de um corpo que é tido como coisa, como objeto à mercê dos desejos masculino, abrindo, com isso, espaço para violências.

Os estudos de Simone de Beauvoir muito contribuem no campo da luta pela igualdade de gênero porque se trata de um feminismo adepto à teoria existencialista, tendo

a liberdade individual como característica central. Soma-se a isso o pensamento de que a luta pela igualdade de gênero não se trata de uma luta contra os homens nem contra a relação homem-mulher; trata-se de uma luta contra um sistema patriarcal que oprime, limita e cerceia a liberdade feminina.

São duas narrativas que coadunam com as reflexões de Michelle Perrot no texto “Os silêncios do corpo da mulher” (2003) ao falar sobre todo um imaginário construído acerca do corpo da mulher ligado a objeto de consumo pelo público masculino. No texto, Perrot menciona que no “teatro, nos muros da cidade, a mulher é o espetáculo do homem” (Perrot, 2003, p. 14). Ela associa essa fala a uma propaganda de biscoitos do início do século XX, o *Petits Beurres LU* que veiculou o saborear o biscoito ao ato de saborear o corpo da mulher (Perrot, 2003). Questões como essas ligadas à publicidade, ainda hoje, têm no corpo feminino a ideia do consumo.

Tanto Michelle Perrot quanto Simone de Beauvoir trazem, em seus estudos, questões que vêm desde o século XVIII sobre os discursos sociais que levaram o distanciamento da mulher em relação ao próprio corpo. Primeiro, por meio da propagação de ideias de que no casamento é o homem quem possui e protege, logo é dono da mulher e sobre ela tem poderes; segundo, por meio de silenciamento acerca da realização dos próprios desejos, das próprias escolhas: à mulher não cabe desejar e escolher, realizar seus desejos; à ela, cabe a proteção que vem do homem. Ainda em “Os silêncios do corpo da mulher”, Michelle Perrot acrescenta que

A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas. A noite de núpcias é a tomada de posse da esposa pelo marido, que mede seu desempenho pela rapidez da penetração: é preciso forçar as portas da virgindade como se invade uma cidadela fechada. Daí o fato de tantas noites de núpcias se assemelharem a estupros cujo relato é indizível (Perrot, 2003, p. 16-17).

Esse excerto mostra o quanto o silêncio que envolve a vida íntima da mulher lhe é violento. Para chegar a esse momento de vida conjugal há também uma educação que é silenciada e interdita. No processo de transformação do corpo, ao homem é celebrado de forma ritualizada; à mulher há o encaminhamento para a reprodução. Ao homem, a masturbação é aceita; à mulher, masturbação é uma ablação (Perrot, 2013). Notamos, com isso, que quando Michelle Perrot fala sobre o perigo em que vive o corpo da mulher, ela se refere às condutas sociais de inferiorização desse corpo em função da família, da

sociedade, do consumo, do silenciamento.

Posicionamento semelhante pode ser observado em *O segundo sexo: fatos e mitos* (1980b), de Simone de Beauvoir, quando a pensadora faz uma abordagem histórica para mostrar o quanto a mulher foi construída, socialmente, como um ser frágil, por isso, caberia a função de cuidar do lar, dos filhos, do marido, passando a ser o Outro, o inferior. Assim,

perante a mulher o homem se pôs como o senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher (Beauvoir, 1980b, p. 100).

Daqui, entendemos essa construção de que a mulher é a que fica cerrada às paredes do lar, enquanto o homem é o que sai, o que procura, o que busca, o que leva alimento para a casa, para o lar, para os filhos que estão sob os cuidados da mãe/mulher. Cria-se, com isso, a relação de o macho dominante e a fêmea propriedade. E essa dominação é normalizada ainda mais quando se normalizam os raptos de mulheres, a utilização da figura masculina como deuses que detêm a força, a inteligência, a sagacidade. E a submissão feminina é sentenciada com a ideia de que é o homem que tem a semente da vida (o espermatozóide), cabendo à mulher ser a terra fértil que lhe dará frutos (filhos). Se os filhos não vêm é porque a terra é fraca, infrutífera, inútil (Beauvoir, 1980b).

Notamos, com isso, o quanto os estudos empreendidos por Michelle Perrot e Simone de Beauvoir são importantes para se entender essa diferença histórica de compreensão sobre o ser mulher, o que impulsiona a luta por reivindicações de direitos que há muito foram negados à existência feminina; direitos até mesmo sobre o próprio corpo, sobre a própria vida.

Pensar o corpo feminino na literatura produzida por mulheres é pensar, também, as categorias de corpos apresentadas por Elódia Xavier no livro *Que corpo é esse – O corpo no imaginário feminino* (2021). Xavier recorre a 23 narrativas literárias produzidas por mulheres para falar sobre corpo feminino e representação a partir de 11 (onze) categorias: o corpo invisível, o corpo subalterno, o corpo disciplinado, o corpo imobilizado, o corpo envelhecido, o corpo refletido, o corpo violento, o corpo degradado, o corpo erotizado, o corpo liberado e o corpo caluniado. Dentre essas categorias, vamos explorar as construções sobre corpo degradado e corpo subalterno, os quais se enquadram

na relação de corpos representados nos dois contos deste estudo.

2 Portas que se fecham para as ‘Damas’

Como vimos até aqui, falar sobre gênero, para pensar a existência da mulher, é entender que este é um campo que corresponde a uma construção histórica e cultural das identidades masculinas e femininas. Enquanto o homem é identificado como o proprietário, o dono, o que tem poder sobre o Outro (entendendo esse Outro como a figura feminina, conforme definido por Simone de Beauvoir), a mulher é identificada como a frágil, inferior, submissa. Essa diferença produz efeitos nos corpos, nas ações e nas relações, determinando os direitos, os espaços e as condutas de cada um.

O conto “A dama da noite”, da poeta Olga Savary nos traz o enredo de uma mulher jovem, que de uma esquina à outra, trabalha como prostituta. Sua identificação surge apenas como a “Dama da Noite” que vende o corpo a preço mísero, por necessidades. Uma pequena narrativa que mostra o quanto o corpo feminino torna-se propriedade do homem que vê, nessa inominada mulher, um objeto de satisfação de seus prazeres sexuais. O conto de Monique Malcher, “Portas fechadas”, traz o enredo de uma também jovem mulher que após ser agredida fisicamente pelo então marido, perde o bebê que tanto desejava. São duas pequenas narrativas, assim como sempre foram pequenos os direitos femininos, mas são imensas em representação.

A mulher que Olga Savary nos apresenta ocupa um lugar que é rechaçado pela sociedade. Sem fazer, aqui, uma construção histórica acerca do surgimento da prostituição e significado quando do surgimento, a questão é que foi a partir da modernização e consequente crescimento de cidades, que a estruturação da prostituição foi se forjando como uma economia específica da realização dos desejo. Nesse cenário, quem se prostitui o faz em uma relação de trocas com um cliente, por meio da comercialização do corpo para conseguir pagamento em dinheiro. Com Savary, visualizamos um corpo feminino colocado como uso para satisfação dos prazeres masculino e este paga por esse uso, não se importando com as reações desse corpo.

Partindo da construção da relação homem e mulher na sociedade, conforme estudos empreendidos por Michelle Perrot e Simone de Beauvoir, entendemos por que, mesmo contra a vontade, na maioria das vezes, é a mulher quem se prostitui. Ter acesso

e posicionar-se em um mercado de trabalho, ter acesso à educação, buscar independência financeira, ou mesmo buscar o alimento de cada dia, não foi uma construção dada ao ser mulher. Por isso, dentro da literatura, a representação da prostituição, segue duas perspectivas: a mulher à margem social, vítima da pobreza e da miséria; ou as meretrizes de personalidades perversas. Nos dois casos, a imagem da mulher se mantém em situação de vulnerabilidade e inferioridade.

É preciso lembrar que o tema da prostituição na literatura brasileira, bem como as representações sobre a prostituição feminina, surge com o imaginário de serem mulheres a quem não se deve confiar, desonestas; construções essas a partir do olhar masculino. Aos poucos, outros imaginários vão sendo construídos e representados.

O romance *Lucíola*, de José de Alencar, publicado na segunda metade do século XIX (em 1862), é protagonizado por Lúcia, uma cortesã de luxo que usa sua beleza física para conseguir o que deseja. Neste mesmo romance, Alencar constrói uma narrativa em que essa personagem seria redimida pelo amor, no entanto, ela decide pela própria morte por se julgar indigna de viver com algum homem devido à vida de prostituição. Isso significa a construção do romance dentro dos moldes dos padrões patriarcais que colocam as mulheres que vivem sua sexualidade como indignas de receber amor de algum homem; indignas de merecê-lo.

No mesmo século, temos a publicação do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo. Neste romance, o tema da prostituição não é representado pela protagonista, mas por uma menina que residia em um local simples, com a mãe viúva, e entra para a prostituição, tornando-se, com isso, o sustento da mãe e de outras pessoas residentes do cortiço. No entanto, por desgosto da escolha da filha, dona Isabel, mãe da menina (Pombinha), recolhe-se a uma casa de saúde onde morre. Mais uma vez há um certo olhar de reserva, neste romance, quanto à mulher que se prostitui.

Já no século XX, temos a figura de Jorge Amado que trouxe o tema da prostituição para seus romances. *Gabriela, cravo e canela*, por exemplo, publicado na metade do século XX (em 1958), marca uma crítica a determinados valores patriarcais como a insistência em desvalorizar as mulheres que trabalhavam na prostituição. De um lado, Jorge Amado apresenta um sistema completamente machista em que as mulheres são obrigadas a se manterem submissas aos pais e após casadas, aos maridos; de outro lado, contribui para a desconstrução acerca do caráter duvidoso da mulher que entra para

prostituição. Ele faz isso ao apresentar personagens que buscam o *Bataclan* (prostíbulo) como uma forma de se livrar das submissões patriarcais.

São muitos os romances produzidos por homens que fazem a abordagem representativa do tema da prostituição, mas vamos tratar da temática a partir do olhar da escritora Olga Savary com a publicação do conto “A Dama da Noite”, no início do século XXI. Savary inicia sua representação do tema a partir da seguinte descrição:

Na beira da praia ou no ponto do ângulo agudo das esquinas, ela empurrava-se na vida como quem empurra água. Quem foi que disse que a água não pode ser empurrada? Nadadora sem mar, sem maquiagem alguma – também, tão jovem pra quê precisaria? –, apenas pintava boca de rubro-forte, sangue nos lábios. Atiçava vontades que não queria, submetida só por necessidade da penúria. Abria-se toda, porém sem oferta (Savary, 2001, p. 127).

De imediato, notamos a representação trazida por Savary, de uma jovem que tem a prostituição como necessidade. Não se trata de uma mulher descrita com atributos sedutores, a que domina, a que comercializa o sexo para conseguir realizar seus desejos; ao contrário, é um comércio que lhe dá garantia de sobrevivência, ainda que às duras penas. Nota-se, no excerto acima, a representação de uma jovem que busca a prostituição pela impossibilidade de sobreviver de outra maneira, por isso ela se abre a essa vida, mas sem ter a oferta. Isso notamos no significado da palavra oferta. “Ofertar” significa “dar como ofertar, oferecer, presentear” (OFERTAR, 2024) . Então, observa-se que esse corpo que se abre não se doa, não se entrega; ele não se oferece; ele apenas está lá.

Sobre esse se abrir sem ofertar, temos ainda a seguinte situação:

E lhe pagavam mais, caso estivesse descoberto, desprotegida. Mesmo ela não querendo, desejam-na no risco, metendo-lhe pra dentro a vida, velho troféu de caça. Que outra coisa era o homem senão o arcaico caçador, aquele que, irresponsável e cego, explode nas entranhas alheias a vida, para perpetuá-la sem pensar? (Savary, 2001, p. 127)

A descrição acima mostra a mulher, radicalmente, na condição de objeto. Não importa se ela está em oferta ou não, não importa se ela quer ou não; o que importa é o uso que pode ser feito desse corpo que se abre. Notamos aqui a mulher impelida a permanecer em seu lugar de ‘Outro’, em relação ao homem. O ato de querer, de desejar, de ter, de meter-lhe para dentro, mesmo ela não querendo, mostra a violência de gênero praticada contra a mulher. A covardia do sistema patriarcal confirma-se ainda mais com

a expressão ‘pagavam mais se estivesse desprotegida’. Daqui, podemos fazer duas leituras: ela receberia mais se não estivesse com alguém que pudesse socorrê-la, em caso de agressão ou ela receberia mais caso aceitasse o ato sexual sem proteção como preservativo.

Nesse campo, é preciso que se pautem a violência sexual por se tratar de um tema que tem raízes na forma como a sociedade atribui o papel social do homem e da mulher. Em uma sociedade que outorga a superioridade masculina e o domínio sobre as mulheres, tais violências tendem a se perpetuar por meio, especialmente, das diferenças sociais. Quando se trata do ato sexual, a violência se amplia porque não é apenas ser obrigada a satisfazer a vontade do homem, há também uma violência social de deixar-se ser usada sem proteção porque isso propicia uma troca financeira um pouco maior do que de costume. Reflexos dessas violências podem ser observados em mais um excerto do conto de Savary:

Mal fechada a porta no encaixe dos gonços e corrido o ferrolho, já ela tão trancafiada, derrubavam-na nos lençóis baratos e de multiuso, sua vulva roxa de tanto manuseio e abuso – na base, bojo e bordas da noite que devia ser tórrida e no entanto era gelada e fria. Antes que lhe enfiassem o dente e lhe deitassem a garra em cima, antes do ataque da libidinosa serpente, era forçada a falar as obscenidades costumeiras. Mas palavras estavam presas na goela muda (Savary, 2001, p. 128).

Esse excerto traz muito de atos que mostram os efeitos da vulnerabilidade do corpo feminino. Elódia Xavier, no livro *Que corpo é esse? – O corpo no imaginário feminino* (2021) trabalha com algumas categorias de corpos, dentre eles o corpo degradado. A ‘Dama da Noite’, surge-nos como um corpo em busca de libertação, mas que apenas consegue subjugar-se ainda mais. A degradação desse corpo tem início na descrição do espaço em que ela é dominada: é ‘derrubada em lençóis baratos e de multiuso’; e tem fim na descrição do corpo da ‘Dama’: “vulva roxa de tanto manuseio e abuso”; ‘era forçada a falar obscenidades’. Temos a construção de um espaço degradado que se une ao corpo na mesma situação. Corpo e espaço interagem com o ato sexual e com a condição dessa ‘Dama’ que se abre por necessidade da penúria.

Temos, então, uma sequência de acesso outorgado a esse corpo degradado, não por desejo de oferta dessa ‘Dama’, mas por uma construção histórica objetificada das mulheres que silencia o poder da mulher sobre o próprio corpo. Sendo essa mulher, prostituta, o acesso a esse corpo se desdobra tanto na utilização para satisfação de prazer

sexual do homem, quanto em práticas violentas, como pode ser observado mais uma vez a seguir:

Pesada e sem asa, a Dama da Noite – mais uma vez – está morta. (...) Engasgada e estarecida, ela já não sabe mais que nome tenha. Só o nome de guerra, de tomara-que-caia e saia justa. E olhe: nada de toma lá dá cá. A preção módico e sem autoestima, o cordeiro logo, logo vai ser imolado ao lobo faminto e sem piedade alguma, sem escrúpulo e insaciável (Savary, 2001, p. 128).

O conto de Savary encerra com a confirmação desse corpo degradado pelo sexo sem prazer e sem oferta, constituindo também uma subalternidade. O corpo subalterno, como descrito por Elódia Xavier (2021), é aquele que ocupa um lugar de indigência social, de submissão. Não se pode afirmar que por essa personagem ser uma prostituta, ela tenha conseguido se libertar das amarras sociais que aprisiona a mulher, nega-lhe a liberdade para viver sua sexualidade. Ao contrário, ela tem a prostituição como profissão e vive os domínios patriarcais de satisfazer a vontade do homem, colocando os próprios desejos em silêncio.

Cabe retomarmos Simone de Beauvoir (1980a) ao dizer que mulheres quando em prostituição estão sujeitas a situações de exploração e de serem tratadas como objetos, desprovidos de qualquer sentimento e/ou vontade. Esse tratamento dado a esse corpo que se prostitui constitui-se, além de corpo degradado e subalterno, um corpo também caluniado por ser um corpo de uma mulher que mesmo no século XXI é invalidada, descredibilizada, resultado da violência de gênero.

Heleieth Saffioti (2015) fala que a violência de gênero abrange tanto mulheres quanto crianças e adolescentes de ambos os sexos e que, por construções históricas, são os homens que detêm o poder e determina as condutas sociais. Isso circunscreve-os ao poder de punir, por vezes de forma violenta, tudo aquilo que consideram como desvio. Em uma sociedade patriarcal que preconiza às mulheres o silenciamento, a submissão, a obediência, a resignação, ser uma prostituta é ter um desvio de comportamento, logo, é uma sociedade que legitima atos de violência contra a mulher que se prostitui.

Interessante ainda refletir sobre um imaginário de que a realização do prazer sexual é coisa de prostituta; um discurso completamente machista e controlador. No conto de Olga, não temos uma ‘Dama’ que realiza os próprios prazeres sexuais; ao contrário, seu corpo é alheio à própria satisfação. Mesmo na prostituição é um corpo submisso à

satisfação do homem; o ato sexual é descrito como um rito de satisfação do homem.

Essas são algumas das consequências de uma sociedade patriarcal que vê a mulher como inferior, por isso, submissa. Esse processo de submissão fica ainda mais explícito quando analisamos o conto “Portas fechadas”, de Monique Malcher. Malcher nos apresenta uma mulher também em condições de pobreza que conhece o marido em ônibus/coletivo e na ocasião faz a escolha de permiti-lo sentar ao seu lado até ao ponto de parada de sua casa. A narrativa inicia com o relato de uma narradora em primeira pessoa:

Cada chute na barriga, uma dor. Dor conectada à lembrança das nossas pernas coladas com o balanço do ônibus. Escolhi o seu ódio? Pensei que só tinha escolhido se você sentaria ou não ao meu lado até a parada de casa. E você se tornou a minha casa, com as paredes cheias de pregos, chutes e olhos de louco. “Você não pediu para ele parar”? Como poderia, se meu coração não sabia processar nem os sentimentos, imagina palavras (Malcher, 2020, p. 84).

Esse início do conto de Malcher nos traz a possibilidade da reflexão sobre a violência contra a mulher na perspectiva das relações de gênero, resultando em um corpo violado. A referência ao ‘chute na barriga’ mostra a violência física sofrida pela personagem, que é também reflexo da violência física contra a mulher presente na sociedade. Na medida em que a narrativa vai se desenvolvendo, podemos observar que o conto engendra várias formas de violências contra o corpo feminino. Pierre Bourdieu (2007) fala que a forma como as relações de gênero se estabeleceram na sociedade implica a superioridade masculina, o que propicia o domínio sobre as mulheres; um posicionamento que dialoga com os estudos empreendidos por Simone de Beauvoir e Michelle Perrot. Em mais um trecho do conto, notamos a motivação do ato violento contra a narradora, o que conduz à reflexão sobre a violência doméstica e sobre a superioridade masculina:

Luana. Eu já tinha escolhido o nome, jamais o destino dela, mas um negar de me deitar com ele, decidi o descolar do mundo de Luana do meu. Foram três dias inteiros dela imersa nos meus líquidos e no meu desamor. A morte corria e se arrastava pelo cordão umbilical. E morri ali, uma morte dos sonhos, do tempo, da saudade do futuro de Luana, que um dia iria balbuciar sílabas. Olhos grandes e boca bem aberta. Iria dizer rindo: “mamãe”. Foram três chutes, como badaladas da catedral. Era meu marido e voltei em pensamento para o ônibus que corria. Ele sentou ao meu lado, eu quis voltar no tempo e dizer: sinto muito, está ocupado (Malcher, 2020, p. 84).

Nesse excerto, notamos toda a problematização de representação da violência doméstica trazida por Monique Malcher em seu conto, levando-nos a pensar a importância da autoria feminina na literatura contemporânea. Pelo que podemos notar, a narradora do conto parece manter-se isolada, tendo a concepção da violência como algo inerente ao matrimônio, respaldado, justificado. Tal concepção é muito delicada porque enquanto atos de violência ficarem ocultos às paredes do lar, tais atos persistirão, o que contribui para a legitimação de um discurso de que os homens são superiores.

Notamos ainda que a narradora do conto de Malcher estava grávida de uma menina, logo, então, são duas mulheres violentadas: a mãe e a filha. Uma violência que não é apenas física, ela é também emocional, registrada no ‘desamor’, na morte dos sonhos, no desejo de querer voltar no tempo, na morte simbólica da narradora. Temos, então, um trecho que representa tradições culturais alimentadas por discursos que moldam as formas de violência contra a mulher. Por ser ‘marido’, o homem tem uma legitimação por religiões, por ideologias de dominação masculina. Outro fator que muito contribui para a permanência da violência contra a mulher são os discursos de culpabilização feminina de que é a mulher quem provoca situações de conflito; é a mulher culpada por se relacionar com homens violentos; é a mulher culpada porque aceita a violência; é a mulher culpada porque se nega a suas obrigações conjugais. Pode parecer retrógrado falar de obrigações conjugais femininas, mas é um discurso que ainda se faz presente na sociedade.

Bem no início do conto, há um momento que a própria narradora pergunta a si mesma: “você não pediu para ele parar?” Quando a narradora faz essa pergunta a si, ela demonstra todo o estereótipo veiculado pelo senso comum de que à mulher cabe a submissão ao marido, cumprir com as obrigações matrimoniais que é satisfazer aos desejos do marido, ser resignada. Mesmo tendo sofrido a violência, ela precisa justificar o porquê de ter sido violentada. Raramente pergunta-se ao agressor o motivo de ele ter agredido; não se pergunta ao homem o motivo de ele não ter parado de agredir; mas pergunta-se à mulher por que ela não pediu para ele parar com a agressão.

Notamos ainda que a agressão foi motivada por uma negação da narradora: “um negar de me deitar com ele”. Essa expressão abre-se não apenas para o fato de pensarmos sobre a submissão feminina, mas também sobre a violência sexual que acontece em relacionamentos. Heleieth Saffioti (2015) fala que:

As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral. O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos (Saffioti, 2015, p. 79-80).

Saffioti deixa bem elucidado o quanto os papéis de gênero socialmente construídos atribuem à mulher a condição de fragilidade, de impotência, de subserviência diante da presença masculina. Interessante ainda notar que, ao relacionarmos as palavras de Saffioti à narradora do conto, perceberemos a condição subalterna da mulher que diante da agressão, não grita, permanece em silêncio. Essa condição representada no conto, se confirma na sequência abaixo:

Amar e desobedecer./ Desobedecer e ver que não há amor./ Obedecer e se odiar./ Morrer obedecendo./ Morrer obedecendo e desobedecendo./ Escolhe, agora./ Nem sempre posso./ Tento. / Então, desobedecer, é o jeito./ Diz que lhe provoço,/ mas apenas olho./ E meu olhar,/ tão magoado e forte,/ é um deslize para você./ Me espanca no jirau / que exala o peixe/ que/ ainda tenta respirar/ e me olha calado (Malcher, 2020, p. 84-85).

Notamos, aqui, o corpo subalterno da narradora, reunindo contexto de carência e inferioridade, submetendo-se a situações de vários tipos de violências praticadas contra a mulheres nas sociedades patriarcais capitalistas, configurando a existência da violência de gênero. A sequência de pensamentos da narradora entre o ‘obedecer’ e ‘desobedecer’ remete ao pensamento de que à mulher cabe a escolha: obedecer um sistema patriarcal que oprime, ou ‘desobedecer’ esse sistema buscando a liberdade. Mas nem sempre é tão simples. A tentativa de recusar o deitar-se com o marido, desobedecendo-lhe a ordem, é a causa da agressão. Com isso, notamos que a violência sobre o corpo feminino, considerado propriedade desse marido, é uma afirmação de poder.

O local onde ocorre a agressão, no conto de Monique Malcher, é um local degradado, tal qual o corpo degradado da narradora. O local onde a “Dama da Noite” é jogada para a satisfação do prazer masculino, é um local degradado, tal qual o corpo dessa “Dama”. Nesse ponto, as duas narrativas se encontram mostrando que a mulher sofre violência em vários espaços: no lar, na profissão, no ato de dizer não e no ato de dizer

sim.

No estudo de Elódia Xavier (2021), o corpo feminino é o foco central para a reflexão e quando nos deparamos com as duas narrativas deste estudo, observamos também o corpo feminino como elemento central, representando a subalternidade e a degradação, mais um momento em que as duas narrativas se encontram. As protagonistas ocupam um lugar de subalternidade em relação ao homem com quem relacionam. No conto de Olga, a ‘Dama da Noite’ ataçava vontades que não tinha, era obrigada a dizer coisas que não queria, só reconhece em si os nomes de guerra. No conto de Monique, a narradora, diante dos atos de violência, não sabia processar sentimentos nem palavras. Ainda que as duas personagens estejam em condições diferentes de subalternidade: uma é a prostituta, a outra é a esposa violentada, as duas passam pela espoliação de seus corpos e ocupam lugares de subserviência e de carência social e afetiva.

Notamos ainda a imobilidade desses dois corpos que não reagem diante dos atos de violência. Essa imobilidade tem reflexo na dominação masculina que coloca o corpo feminino como o frágil, inferior, fraco e imóvel diante da figura do homem. Pierre Bourdieu (2007) diz que essa imobilidade corpórea está ligada ao fato de que

o trabalho de transformação dos corpos, são ao mesmo tempo sexualmente diferenciado e sexualmente diferenciador que se realiza em partes, através dos efeitos de injunções explícitas e em parte através de toda a construção simbólica do corpo biológico (Bourdieu, 2007, p. 70).

É nesse contexto de corpos diferenciados que as duas escritoras fazem um trabalho de desnudamento das relações ideológicas de dominação, sendo, portanto, duas narrativas que se mostram como campo de estudos na luta pela resistência contra a opressão de gênero, logo, na luta pelo tornar-se mulher de que bem falou Simone de Beauvoir (1980a). Quando Beauvoir declara que ‘não se nasce mulher, torna-se mulher’, ela contribui para a desconstrução do conceito de que há um fator biológico que coloca a mulher em um patamar de inferioridade em relação ao homem, como historicamente foi construído.

Então, ‘tornar-se mulher’ implica compelir o corpo feminino a uma noção histórica de mulher, uma construção enquanto signo cultural de modo contínuo e reiterado e não como uma noção delimitada, presa a um conceito construído a partir de estruturas patriarcais. Tornar-se, em uma perspectiva fenomenológica, é um poder-ser. E isso muito contribui para as lutas e conquistas feministas. Nesse quesito, as duas escritoras, Olga e

Monique contribuem na luta contra a violência de gênero por proporcionarem uma reflexão acerca do machismo que vai ganhando força, principalmente em sociedades capitalistas. E esse machismo é o responsável por todas as formas de violências que estão na sociedade, inclusive a violência contra a mulher.

Considerações

A escolha dessas duas narrativas para este estudo não foi aleatória. A escolha se deu porque são duas narrativas da literatura de autoria feminina contemporânea que contribuem para a compreensão sobre a violência de gênero que ainda persiste na sociedade. A forma como as duas protagonistas são construídas, submissas, subalternas, violentadas, é reflexo das relações entre os sexos em uma sociedade que ainda tem muito o que desconstruir.

Simone de Beauvoir publica o livro *O segundo sexo* (1980a; 1980b) na metade do século XX, com discussões necessárias sobre a desconstrução do ser mulher dentro de um padrão ditado pela sociedade patriarcal. Beauvoir fala sobre a necessidade de tornar-se mulher em uma sociedade que limita e subjuga o corpo feminino. Mais de sete décadas depois, atos de silenciamento feminino persistem; atos de violência contra o corpo feminino persistem.

Por isso, narrativas como as de Olga e de Monique precisam ser cada vez mais lidas, discutidas e analisadas, pois são instrumento de denúncia contra as opressões sofridas pelas mulheres. São duas narrativas que se posicionam sobre a importância de a mulher transcender a situação de submissão em que se encontra e se colocar como um sujeito para si mesma, um sujeito nas relações sociais, um sujeito no mundo. Beauvoir também fala que nem sempre essa transcendência é conseguida porque contra a autonomia feminina há toda uma organização de instituições, mantida pela cultura moldada pelos próprios homens. Isso mostra mais uma vez o quanto narrativas como as de Olga Savary e Monique Malcher são importantes instrumentos na luta contra essas organizações sociais que insistem em limitar os espaços e conquistas femininas.

A mulher é marcada como objeto desde quando nasce. Ela é classificada como feminina a partir de característica anatômica e esse ser menina é moldado para que ela seja o Outro ao passo que o homem é o centro, o Absoluto. Assim, enquanto a mulher vai

crescendo cercada de limitações, imposições, de desconhecimento sobre o próprio corpo, ela vai, também, por imposição social, aceitando as limitações, naturalizando determinados atos contra ela mesma, não por vontade própria, mas por uma construção.

Segundo Simone de Beauvoir (1980b), nem o homem nem a mulher possui uma essência anterior à existência. Desse modo, cada um só pode ser definido por si mesmo, por suas escolhas, atos e condutas, isto é, a partir de suas experiências no mundo. No entanto, à mulher, escolher por si mesma não lhe foi um direito concedido e isso podemos observar nos dois contos que abordam o tema da violação dos corpos femininos. Uma mulher não escolhe ser agredida, uma mulher não escolhe colocar seu corpo como objeto de uso. No conto de Olga, a protagonista tornou-se prostituta pela necessidade; no conto de Malcher, a protagonista não escolheu o ódio do marido. No entanto, as duas são vítimas de abuso.

As duas narrativas tratam de um assunto bem presente na sociedade que é a violência contra a mulher. Mesmo com legislação no enfrentamento da violência, esta continua existindo. O conto de Malcher representa a violência doméstica, que pode ser amenizada por meio da legislação, mas nem sempre as vítimas têm acesso, principalmente mulheres residentes em cidades do interior. O conto de Olga traz uma representação de violência contra a mulher que dificilmente conseguirá amparo, pois ser prostituta no Brasil, em ambientes degradados, é ser completamente invisibilizada pelo poder público.

Mesmo assim, as duas narrativas funcionam como mecanismo de contestar e problematizar a naturalização das estruturas de dominação ao colocar as duas personagens em situações de violência. São dois contos produzidos por duas mulheres, logo, são duas narrativas que se tornam porta-vozes da condição da mulher em uma sociedade machista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: Um território contestado. - Vinhedo: Horizonte / - Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: vontade de saber. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

MALCHER, M. **Flor de gume**. São Paulo: pólen, 2020.

OFERTAR. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 13/02/2024.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. *In*: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Orgs). **O corpo feminino em debate**. Paulo: UNESP, 2003, p.13-27.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAVARY, O. **O olhar dourado do abismo** – contos de paixão e espanto. Xilogravura de Rubem Grilo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TOLEDO, M. P. M. F. **Olga Savary** – erotismo e paixão. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

XAVIER, E.. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ZINANI, C. J. A. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.